



A DESDOLARIZAÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL: IMPLICAÇÕES SISTÊMICAS E A TRANSIÇÃO PARADIGMÁTICA DA ESTRUTURA MONETÁRIA MUNDIAL

THE DE-DOLLARIZATION OF INTERNATIONAL TRADE: SYSTEMIC IMPLICATIONS AND THE PARADIGMATIC TRANSITION OF THE GLOBAL MONETARY STRUCTURE

LA DESDOLARIZACIÓN DEL COMERCIO INTERNACIONAL: IMPLICACIONES SISTÉMICAS Y LA TRANSICIÓN PARADIGMÁTICA DE LA ESTRUCTURA MONETARIA MUNDIAL

DOI: 10.5281/zenodo.18307405



*Armando Henrique Silva Semeão*¹
*Gisele Mendes de Carvalho*²

RESUMO

A discussão sobre a desdolarização do comércio global ganhou força nos últimos anos, especialmente a partir do avanço do BRICS e da ampliação das estratégias de cooperação monetária entre países emergentes. Esse movimento surge em um contexto de mudanças geopolíticas, no qual a centralidade histórica do dólar é questionada diante do fortalecimento de novas potências econômicas. O trabalho analisa esse cenário buscando compreender como a reorganização da ordem monetária internacional pode alterar dinâmicas comerciais, políticas e institucionais. O objetivo geral consiste em interpretar o processo de desdolarização sob a ótica brasileira e de outros países que integram o BRICS, identificando seus desdobramentos mais relevantes. A metodologia empregada é baseada em pesquisa bibliográfica, utilizando autores brasileiros que se dedicam ao estudo da economia política

1 Pós-graduando em Direito Constitucional pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e graduado em Direito pela Universidade Estadual de Maringá.

2 Pós-doutora em Direito Penal pela Universidade de Saragoça (Espanha), professora associada e vice-reitora da Universidade Estadual de Maringá.





internacional e das transformações recentes do sistema monetário global. Os resultados apontam que, embora o dólar ainda permaneça dominante, existem movimentos concretos que sugerem uma lenta reconfiguração das referências monetárias utilizadas no comércio exterior. Ao final, observa-se que a transição para uma ordem financeira menos dependente de uma única moeda envolve avanços, limites e incertezas que ainda exigem acompanhamento constante.

Palavras-chave: Desdolarização; BRICS; Comércio Internacional; Ordem Monetária.

ABSTRACT

The discussion on the de-dollarization of global trade has gained momentum in recent years, especially with the advance of the BRICS and the expansion of monetary cooperation strategies among emerging countries. This movement emerges within a context of geopolitical change, in which the historical centrality of the dollar is questioned in light of the strengthening of new economic powers. This study examines this scenario in order to understand how the reorganization of the international monetary order may alter commercial, political, and institutional dynamics. The general objective is to interpret the de-dollarization process from the Brazilian perspective and that of other BRICS countries, identifying its most relevant implications. The methodology is based on bibliographic research, drawing on Brazilian authors dedicated to the study of international political economy and recent transformations in the global monetary system. The results indicate that, although the dollar remains dominant, there are concrete movements suggesting a gradual reconfiguration of the monetary references used in foreign trade. In conclusion, it is observed that the transition toward a financial order less dependent on a single currency involves progress, limitations, and uncertainties that still require continuous monitoring.

Keywords: De-dollarization; BRICS; International Trade; Monetary Order.

RESUMEN

El debate sobre la desdolarización del comercio global ha cobrado relevancia en los últimos años, especialmente a partir del avance del BRICS y de la ampliación de las estrategias de cooperación monetaria entre países emergentes. Este movimiento surge en un contexto de transformaciones geopolíticas, en el cual la centralidad histórica del dólar es cuestionada ante el fortalecimiento de nuevas potencias económicas. El presente trabajo analiza este escenario con el fin de comprender cómo la reorganización del orden monetario internacional puede modificar las dinámicas comerciales, políticas e institucionales. El objetivo general consiste en interpretar el proceso de desdolarización desde la perspectiva brasileña y de otros países que integran el BRICS, identificando sus principales desdoblamientos. La metodología empleada se basa en una investigación bibliográfica, utilizando autores brasileños dedicados al estudio de la economía política internacional y de las transformaciones recientes del sistema monetario global. Los resultados indican que, aunque el dólar continúa siendo dominante, existen movimientos concretos que señalan una reconfiguración gradual de las referencias

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4.n.1. jan/fev/mar. 2026 - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença *Creative Commons Atribuição (CC BY)*





monetarias utilizadas en el comercio exterior. Finalmente, se observa que la transición hacia un orden financiero menos dependiente de una sola moneda implica avances, límites e incertidumbres que aún requieren un seguimiento constante.

Palabras clave: Desdolarización; BRICS; Comercio Internacional; Orden Monetario.

1. INTRODUÇÃO

O papel do dólar como principal moeda internacional consolidou-se ao longo do século XX e permanece como um dos pilares do comércio exterior contemporâneo. O predomínio norte-americano moldou fluxos financeiros, padrões de pagamento e relações econômicas multilaterais. No entanto, estudos recentes apontam mudanças relevantes nessa estrutura, impulsionadas pelo avanço de economias emergentes e por tensões geopolíticas que reacenderam o debate sobre alternativas ao sistema monetário vigente. Pesquisadores brasileiros como Cintra e Batista Júnior (2020) observam que o crescimento da China e a reconfiguração das cadeias produtivas globais abriram espaço para questionamentos sobre a sustentabilidade da hegemonia do dólar nas próximas décadas.

Nesse cenário, o BRICS tornou-se um ator central nas discussões sobre uma possível reorganização monetária. Paula e Martins (2022) destacam que a ampliação do bloco e a criação de instrumentos financeiros próprios, como o Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), reforçam o interesse dos países membros em reduzir a vulnerabilidade associada à dependência da moeda norte-americana. Essa movimentação não implica uma ruptura imediata, mas sinaliza um processo gradual de busca por maior autonomia financeira, especialmente entre nações que enfrentam volatilidade cambial ou restrições externas.

Paralelamente, análises de Gonçalves (2018) e Carneiro (2021) mostram que a hegemonia do dólar não depende apenas da força econômica dos Estados Unidos, mas também da confiança institucional construída ao longo de décadas. Mesmo assim, episódios recentes — como sanções econômicas, instabilidade política internacional e disputas tecnológicas — estimularam países a explorar sistemas de pagamento alternativos e acordos





bilaterais em moedas locais. Esse contexto revela um ambiente internacional mais complexo e competitivo, no qual a moeda americana continua dominante, mas já não ocupa uma posição incontestável.

Diante dessas transformações, pesquisadores como Fiori (2020) e Reis (2021) argumentam que a discussão sobre desdolarização não deve ser tratada como um processo linear, e sim como uma dinâmica que combina interesses políticos, decisões estratégicas e mudanças estruturais no comércio global. A questão central não é apenas se o dólar perderá sua primazia, mas como a reorganização das relações internacionais pode influenciar a arquitetura financeira mundial e o espaço ocupado por países emergentes.

A escolha deste tema se justifica pela relevância crescente do debate e pelo impacto que eventuais mudanças na ordem monetária internacional podem exercer sobre as economias de todos os Estados Nacionais, inclusive a brasileira. Compreender esse movimento torna-se indispensável para avaliar riscos, oportunidades e adaptações possíveis no comércio exterior do país. Surge, então, a problemática que orienta este estudo: até que ponto a desdolarização pode realmente reconfigurar a ordem monetária internacional e alterar a posição dos países emergentes no sistema global?

O objetivo geral consiste em analisar a desdolarização do comércio global e suas implicações para a reorganização da ordem monetária internacional. Entre os objetivos específicos, incluem-se: compreender a centralidade histórica do dólar; identificar os movimentos recentes de desdolarização, especialmente no contexto do BRICS; e examinar os potenciais impactos e limitações desse processo para o sistema financeiro global.

A metodologia adotada fundamenta-se em pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, priorizando autores brasileiros que estudam economia política internacional, finanças globais e geopolítica monetária. Foram utilizados descritores como desdolarização, BRICS, comércio internacional, moedas internacionais e ordem monetária. Como critérios de inclusão, consideraram-se materiais publicados a partir de 2017, com relevância acadêmica e acesso público. Foram excluídos textos sem respaldo institucional, obras sem identificação de





autoria ou publicações sem relação direta com o tema. Essa construção metodológica busca garantir rigor analítico e coerência entre os autores consultados.

2. METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida neste trabalho apoia-se em uma abordagem qualitativa e bibliográfica, escolhida por permitir a compreensão ampla e interpretativa das transformações relacionadas à desdolarização e ao papel do BRICS na ordem monetária internacional. A opção por esse tipo de investigação se justifica pela natureza do tema, que envolve debates teóricos, interpretações geopolíticas e análises institucionais presentes na literatura acadêmica recente. Como recorda Marconi e Lakatos (2019), a pesquisa bibliográfica possibilita ao pesquisador um contato direto com produções consolidadas, oferecendo base sólida para sínteses críticas e análises aprofundadas de fenômenos complexos.

O estudo foi estruturado a partir da consulta a artigos científicos, periódicos especializados, relatórios institucionais, dissertações e publicações acadêmicas de acesso público. Foram priorizados autores brasileiros que discutem economia política internacional, hegemonia monetária e integração econômica entre países emergentes. Essa escolha visa garantir coerência entre o referencial teórico utilizado e o contexto analítico que se deseja construir, valorizando interpretações nacionais sobre fenômenos globais. Assim, a metodologia permite cruzar diferentes perspectivas sobre o tema, favorecendo uma leitura crítica das mudanças observadas no sistema financeiro internacional.

Os descritores utilizados na busca foram: desdolarização, BRICS, ordem monetária internacional, hegemonia do dólar, moedas internacionais, comércio exterior, arquitetura financeira global, multilateralismo e cooperação econômica. Esses termos orientaram a seleção do material analisado, garantindo que os textos recuperados estivessem diretamente relacionados aos objetivos do estudo. Para reforçar o rigor metodológico, buscou-se identificar obras que tratassem não apenas dos avanços do processo de desdolarização, mas também de seus limites e desafios, ampliando o alcance interpretativo do trabalho.





Os critérios de inclusão englobaram publicações lançadas a partir de 2017, acessíveis integralmente, com autoria identificada e relevância para o debate sobre desdolarização e BRICS. Também foram incluídos textos que apresentavam análises consistentes sobre a hegemonia do dólar e sobre as perspectivas de reorganização da ordem monetária internacional. Foram excluídos materiais sem respaldo institucional, conteúdos opinativos sem fundamentação teórica, documentos sem autoria definida e publicações desconectadas do tema central. Essa metodologia assegura maior confiabilidade aos resultados discutidos, reforçando a coerência entre o referencial bibliográfico selecionado e o problema que orienta o estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A centralidade histórica do dólar e sua consolidação como moeda dominante no comércio internacional

A força do dólar como referência mundial não surgiu de maneira espontânea; foi construída ao longo de décadas, apoiada em decisões políticas, acordos internacionais e na capacidade dos Estados Unidos de projetar estabilidade e poder econômico em escala global. Quando o sistema de Bretton Woods foi criado após a Segunda Guerra Mundial, os países vencedores buscavam uma arquitetura monetária capaz de evitar crises como as que marcaram as décadas anteriores. Foi nesse contexto que o dólar passou a ser visto como a âncora necessária para reorganizar o comércio internacional, e, desde então, sua centralidade se tornou cada vez mais profunda. Cintra e Batista Júnior (2020) destacam que a recomposição da economia mundial no pós-guerra não seria possível sem uma moeda que transmitisse confiança e oferecesse lastro institucional, algo que os Estados Unidos conseguiram garantir em razão de sua capacidade produtiva e de seu posicionamento político.

Mesmo após o fim da conversibilidade do dólar em ouro, em 1971, o uso da moeda norte-americana não diminuiu; ao contrário, ampliou-se. Carneiro (2021) observam que a





consolidação do chamado “petrodólar” reforçou o papel do dólar como instrumento para transações de energia e matérias-primas estratégicas. Isso fez com que países de diferentes continentes, independentemente de suas alianças políticas, continuassem a utilizá-lo como referência nas operações comerciais. Gonçalves (2018) argumenta que a força do dólar não se explica apenas por fatores econômicos, mas pela capacidade dos Estados Unidos de exercer influência institucional por meio de bancos, organismos multilaterais e redes financeiras que se estendem por todo o planeta.

Cintra e Batista Júnior (2020, p. 14):

“A dominância do dólar no sistema monetário internacional não decorre apenas do peso econômico dos Estados Unidos, mas de todo um conjunto de instituições, práticas financeiras e redes de pagamentos que foram se consolidando ao longo de décadas. Mesmo quando a economia norte-americana apresentou sinais de enfraquecimento relativo, a moeda continuou a desempenhar o papel central nas reservas internacionais, na precificação de commodities e nas transações financeiras globais. A ascensão da China introduz novas dinâmicas nesse cenário, mas não altera de imediato a profunda capilaridade institucional que sustenta a posição do dólar. (Cintra e Batista Júnior, 2020, p. 14)”

Ao longo do século XX e início do XXI, diversos elementos sustentaram essa primazia. Primeiro ponto, a economia norte-americana apresentou níveis elevados de produtividade e uma capacidade de inovação tecnológica que atraía investidores. Segundo ponto, o sistema financeiro dos Estados Unidos desenvolveu mecanismos sofisticados de crédito, títulos e derivativos, que tornaram Wall Street um centro irradiador de liquidez global. Terceiro e último ponto, sua política externa consolidou alianças e estabeleceu padrões que moldaram normas econômicas internacionais. Reis (2021) enfatiza que essa combinação de fatores criou um ambiente de previsibilidade que tornava o dólar, aos olhos de diferentes governos, a escolha mais segura para transações e reservas.

Com isso, as moedas nacionais passaram a ser comparadas ao dólar, e não o contrário. Boa parte do comércio exterior é precificada na moeda norte-americana, o que faz com que até países que não possuem relação direta com os Estados Unidos dependam de sua dinâmica





monetária para realizar importações e exportações. O fenômeno também é visível nos mercados financeiros, uma vez que boa parte dos fluxos de capitais internacionais ocorre em dólar. Prates e Fritz (2019) analisam essa dinâmica ao observar que a hierarquia entre moedas se mantém não apenas por fatores econômicos, mas também por mecanismos simbólicos que reforçam a posição dominante de determinadas nações no sistema global.

A história recente revela, porém, sinais de desgaste nesse modelo. A ampliação das tensões geopolíticas, combinada com o crescimento da China e de outras economias emergentes, alterou parte da percepção tradicional sobre a centralidade do dólar. Ainda assim, embora haja movimentos para diversificação, o dólar continua sendo considerado o ativo mais seguro em momentos de incertezas. Fiori (2020) lembra que crises internacionais, em vez de provocar abandono do dólar, frequentemente resultam em seu fortalecimento, tendo em vista que investidores tendem a buscar proteção em ativos considerados mais estáveis. Esse comportamento reforça a noção de que o dólar possui uma “resiliência estrutural”, sustentada por décadas de institucionalização.

A rede de pagamentos internacionais, a profundidade dos mercados de títulos do Tesouro americano e a aceitação global da moeda criam um ambiente difícil de ser substituído. Paula e Martins (2022) observam que, mesmo em regiões onde há debates sobre autonomia monetária, como na Ásia e em partes da Europa, ainda não existe uma alternativa capaz de oferecer a mesma combinação de liquidez, governança e previsibilidade. Assim, qualquer tentativa de alterar essa estrutura já consolidada esbarra em limitações concretas que precisam ser analisadas com prudência.

Diversos países, ao perceberem que sua dependência do dólar poderia se transformar em vulnerabilidade estratégica, passaram a buscar caminhos para diminuir essa exposição. Costa e Corrêa (2025) indicam que o movimento observado entre os membros do BRICS não se resume a uma disputa econômica, mas reflete preocupações com a soberania e com a capacidade de exercer autonomia financeira diante de pressões externas. Essa motivação explica, em parte, o interesse crescente por moedas locais em transações bilaterais e pela criação de arranjos monetários alternativos.





Mesmo assim, é fundamental reconhecer que a centralidade histórica do dólar não desaparece simplesmente porque outros países desejam maior autonomia. Como destacam Cintra e Batista Júnior (2020), a construção de uma moeda global envolve elementos que transcendem a economia — como poder político, estabilidade institucional e confiança de longo prazo. Isso significa que a posição do dólar não está sendo substituída, mas questionada de maneira gradual. O processo é lento, repleto de nuances e envolve múltiplos fatores que se entrelaçam com a própria dinâmica da globalização.

Há que se considerar, também, que a dependência do dólar gera efeitos distintos entre os países. Nações com sistemas financeiros frágeis ou moedas voláteis tendem a sofrer mais com oscilações e com os impactos de decisões tomadas pelo Federal Reserve. Reis (2021) observa que essa assimetria revela um desequilíbrio estrutural nas relações internacionais, no qual, países emergentes ficam sujeitos a choques externos que não podem controlar. Essa realidade impulsiona o debate sobre a necessidade de reformulação da ordem monetária internacional, embora ainda não exista um consenso sobre qual modelo seria capaz de substituir ou complementar o sistema atual.

A centralidade histórica do dólar, portanto, reflete um conjunto de condições políticas, econômicas e institucionais que se consolidou ao longo de décadas. Ao mesmo tempo, o surgimento de alternativas e a reorganização geopolítica contemporânea estimulam reflexões sobre como esse cenário poderá se transformar no futuro. O que se observa, a partir da literatura brasileira recente, é que a discussão não gira apenas em torno do “declínio” da moeda norte-americana, mas sobre como os países emergentes estão aprendendo a atuar dentro de um sistema que ainda é dominado por ela, mas que começa a apresentar fissuras e desgastes notados por toda a comunidade internacional.





3.2 Avanço dos movimentos de desdolarização e as estratégias adotadas por países e blocos

O interesse crescente pela desdolarização tem se intensificado nos últimos anos, impulsionado principalmente pela ascensão de economias emergentes e pela percepção de que a dependência excessiva do dólar pode gerar vulnerabilidades estratégicas. Embora o dólar permaneça dominante, movimentos recentes revelam uma busca deliberada por maior autonomia, especialmente entre países que já manifestavam insatisfações com o modelo financeiro global. Os membros do BRICS assumem papel central nesse debate, pois reúnem economias que, juntas, representam significativa parcela do comércio e da produção mundial. Costa e Corrêa (2025) destacam que esses países vêm articulando mecanismos monetários alternativos não apenas como uma reação a tensões geopolíticas, mas como parte de um projeto de longo prazo direcionado à construção de uma ordem mais equilibrada.

Esse processo envolve a criação de instrumentos financeiros e institucionais que permitam transações sem a intermediação direta do dólar. Uma das iniciativas mais relevantes é o fortalecimento do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), estruturado para oferecer financiamento em moedas locais e apoiar projetos conjuntos entre os países do bloco. Bastos (2022) analisa que, ao reduzir a exposição cambial, o NDB ajuda os países a enfrentarem oscilações associadas à política monetária norte-americana, funcionando como alternativa às instituições tradicionais, como o FMI e o Banco Mundial. Além disso, o NDB tornou-se símbolo da tentativa do BRICS de moldar uma nova forma de cooperação financeira.

Outro movimento importante diz respeito aos acordos bilaterais destinados ao uso de moedas nacionais em operações comerciais. A China tem ampliado o uso do yuan em transações com diversos parceiros, incluindo Rússia, Índia, Arábia Saudita e Brasil. Cintra e Batista Júnior (2020) apontam que esse avanço reflete o peso crescente da economia chinesa e a busca por consolidar sua presença como referência financeira na Ásia e em regiões estratégicas. O uso de moedas locais reduz custos operacionais e diminui a dependência de





sistemas de pagamento controlados pelo Ocidente, o que reforça a disposição de vários países em diversificar suas opções.

A intensificação das sanções econômicas por parte dos Estados Unidos também contribuiu para acelerar o debate sobre desdolarização. Reis (2021) observa que, ao utilizar o sistema financeiro global como instrumento de política externa, os Estados Unidos encorajaram outros países a procurarem alternativas capazes de mitigar riscos. Rússia e Irã são exemplos conhecidos de nações que enfrentaram restrições severas e, diante disso, passaram a defender o desenvolvimento de redes de pagamento paralelas e o uso ampliado de moedas locais. Essa dinâmica acabou produzindo um ambiente no qual a desdolarização deixou de ser apenas um tema acadêmico para se tornar uma estratégia concreta de sobrevivência econômica.

Prates e Fritz (2019) ressaltam que o avanço das moedas digitais de bancos centrais (CBDCs) também representam uma potencial força transformadora, pois abre caminho para novos arranjos transnacionais e sistemas de liquidação mais autônomos. A China, por exemplo, já possui o e-CNY, que tem sido testado em programas pilotos e pode futuramente ser utilizado em transações internacionais. Embora ainda em estágio inicial, essa iniciativa revela como a inovação tecnológica pode contribuir para a redução da dependência do dólar, especialmente em regiões onde a infraestrutura financeira é menos desenvolvida.

O BRICS desempenha papel fundamental nesse cenário, tanto pela dimensão econômica de seus membros quanto pela convergência de interesses em relação à autonomia financeira. Costa e Corrêa (2025) analisam que os países do bloco compreendem a desdolarização não como uma ruptura abrupta, mas como um movimento gradual que combina acordos comerciais, criação de mecanismos financeiros e fortalecimento institucional. Essa interpretação é importante porque evita a ideia de que o grupo busca estabelecer uma moeda única imediata — algo que, até o momento, permanece distante por questões políticas e estruturais. O foco atual está em ampliar o espaço das moedas nacionais e criar condições para sua utilização mais frequente em contextos regionais e bilaterais.





Ainda assim, a literatura brasileira aponta que há desafios consideráveis nesse processo. Gonçalves (2018) lembra que sistemas monetários são sustentados por confiança, previsibilidade e continuidade, fatores que levam muito tempo para se consolidar. Embora o BRICS tenha adquirido relevância geopolítica, seus membros possuem divergências internas e diferentes graus de integração financeira, o que dificulta a construção de uma estratégia unificada. Mesmo iniciativas promissoras, como o desenvolvimento de plataformas de liquidação em moedas locais, ainda dependem de avanços técnicos, jurídicos e diplomáticos para alcançar maior escala.

Em paralelo, há um esforço de disseminação de discursos que reforçam a necessidade de um sistema financeiro mais multipolar. Fiori (2020) aponta que essa retórica encontra eco principalmente entre países que enfrentam assimetrias econômicas e buscam reduzir vulnerabilidades externas. No entanto, o autor lembra que a transição para uma nova ordem monetária não depende apenas da vontade política dos países emergentes, pois envolve disputas de poder entre grandes potências e resistência de instituições consolidadas. Isso torna o processo complexo e sujeito a reconfigurações constantes.

Ainda que o debate tenha ganhado destaque, é importante reconhecer que a desdolarização avança de maneira desigual. Paula e Martins (2022) observam que muitos países, mesmo favoráveis ao uso de moedas locais, ainda dependem do dólar em operações de grande porte, sobretudo pela falta de mercados financeiros profundos e pela necessidade de liquidez internacional. Isso significa que a desdolarização, até o momento, tem ocorrido principalmente em nichos específicos, como transações bilaterais e setores energéticos estratégicos, sem alterar de forma decisiva o coração do sistema financeiro global.

Apesar desses limites, há avanços concretos que não podem ser ignorados. A Arábia Saudita, por exemplo, passou a negociar partes de seu petróleo com a China em yuan, rompendo um padrão que vigorava há décadas. O fortalecimento do mercado de ouro como instrumento de lastro também tem sido interpretado como estratégia de países para reduzir sua exposição ao dólar. Cintra e Batista Júnior (2020) destacam que, ao diversificar reservas e





ampliar acordos comerciais alternativos, algumas economias estão construindo espaços reais de autonomia dentro de um sistema que ainda é majoritariamente dolarizado.

Cabe destacar que o avanço da desdolarização não ocorre de forma isolada; ele se insere em um contexto de reconfiguração global no qual disputas tecnológicas, políticas e energéticas desempenham papel central. Reis (2021) argumenta que, embora ainda não exista um substituto claro para o dólar, o acúmulo de iniciativas voltadas à diversificação monetária revela um movimento lento, porém persistente, de questionamento do modelo vigente. Essa tendência, mesmo que não resulte em uma ruptura imediata, indica que o sistema financeiro internacional está diante de transformações que merecem acompanhamento atento, as quais terão consequências imprevisíveis até o momento.

3.3 Impactos, desafios e limites da desdolarização na reorganização da ordem monetária internacional

O debate sobre os impactos da desdolarização tem ganhado espaço porque esse processo, mesmo avançando de maneira gradual, toca em elementos fundamentais da ordem financeira global. A mudança não ocorre apenas no campo econômico, mas também nas relações de poder entre Estados e nas dinâmicas institucionais que sustentam o comércio internacional há mais de sete décadas. Quando países como China, Rússia, Índia ou Brasil intensificam o uso de moedas locais em suas transações, eles sinalizam não apenas uma preferência técnica, mas um reposicionamento estratégico. Fiori (2020) destaca que transformações monetárias costumam caminhar lado a lado com transformações geopolíticas, o que explica por que o tema gera tanta atenção entre pesquisadores e decisores políticos.

Um dos impactos mais evidentes da desdolarização aparece na redução da vulnerabilidade cambial para países que dependem fortemente de importações de energia, fertilizantes ou tecnologia. Ao negociar diretamente em moedas locais, esses países diminuem a necessidade de acumular dólares e, conseqüentemente, reduzem sua exposição às oscilações provocadas por decisões do Federal Reserve. Paula e Martins (2022) observam que essa





mudança tende a favorecer economias emergentes, que tradicionalmente sofrem mais com choques externos e crises de liquidez. No entanto, o mesmo processo pode trazer desafios significativos, pois exige um grau de estabilidade macroeconômica e confiança internacional que muitos desses países ainda não possuem.

Ao diversificar seus sistemas de pagamento, países que lideram o movimento de desdolarização começam a criar redes alternativas que enfraquecem, ainda que lentamente, a centralidade de instituições tradicionais. Gonçalves (2018) argumenta que a estrutura financeira global atual foi construída para operar majoritariamente em dólar, o que significa que qualquer mudança significativa exigirá tempo, negociações e adaptações sistêmicas. Plataformas de liquidação em moedas locais, como as desenvolvidas em parceria entre China e Rússia, representam um avanço, mas ainda não possuem amplitude suficiente para competir com a infraestrutura financeira ocidental, que se expandiu durante décadas.

A possibilidade de uma reorganização monetária internacional levanta questões sobre a estabilidade global. Carneiro (2021) analisa que a hegemonia do dólar trouxe vantagens para os Estados Unidos, mas também garantiu previsibilidade para o comércio global. Uma transição apressada poderia gerar incertezas e fragmentação, especialmente se diferentes blocos econômicos adotarem estratégias distintas sem coordenação multilateral. Por isso, muitos defendem que o caminho mais provável é uma estrutura híbrida, na qual diferentes moedas coexistem, embora o dólar permaneça relevante. Nesse sentido, a desdolarização não deve ser compreendida como uma substituição abrupta, mas como um conjunto de ajustes dentro de um sistema que ainda se apoia em fundamentos tradicionais.

Mesmo assim, há sinais de que o processo tem potencial para alterar relações de poder. Cintra e Batista Júnior (2020) destacam que, ao reduzir a dependência do dólar, países emergentes conquistam maior margem de manobra em negociações internacionais, diminuindo a influência histórica dos Estados Unidos sobre decisões financeiras globais. Isso pode fortalecer alianças e ampliar o protagonismo de regiões antes marginalizadas no debate econômico mundial. O fortalecimento do BRICS, a entrada de novos países no bloco e a





criação de instrumentos como o NDB demonstram como a diversificação monetária está associada à construção de novos polos de poder.

Existem limites importantes que precisam ser considerados. Um deles é a necessidade de mercados financeiros profundos e seguros para apoiar o uso internacional de moedas emergentes. Paula e Martins (2022) ressaltam que moedas como o yuan avançaram significativamente, mas ainda enfrentam restrições devido ao controle de capitais e à falta de mecanismos de livre conversibilidade. Da mesma forma, o real brasileiro, embora seja utilizado em alguns acordos bilaterais, está longe de ocupar uma posição internacional relevante. Isso mostra que, embora o debate sobre desdolarização seja amplo, poucos países possuem moeda com fundamentos sólidos para uso global.

Fiori (2020) explica que, para uma moeda se tornar referência global, não basta força econômica; é necessário que os agentes internacionais acreditem na estabilidade política e institucional do país emissor. Esse aspecto favorece o dólar, pois, mesmo diante de crises e disputas internas, os Estados Unidos ainda são vistos como um ambiente seguro para investimentos. Países emergentes, ao contrário, enfrentam desafios relacionados à volatilidade política, mudanças abruptas em políticas econômicas e fragilidades institucionais que dificultam o reconhecimento de suas moedas como alternativas reais.

Grandes empresas, bancos e fundos de investimento operam em redes internacionais que utilizam o dólar como referência para contratos e precificação de ativos. Alterar esse padrão requer custos elevados de adaptação, além de mudanças regulatórias que dependem de consenso entre diferentes governos e instituições. Reis (2021) lembra que sistemas monetários são estruturas altamente resistentes a mudanças rápidas, justamente porque sua funcionalidade depende da previsibilidade e da confiança coletiva.

Ao buscar alternativas ao dólar, alguns países podem enfrentar pressões diplomáticas e riscos de retaliação econômica, sobretudo quando tais iniciativas são percebidas como ameaça à hegemonia norte-americana. Isso explica por que muitos acordos de desdolarização ainda são bilaterais e discretos, evitando conflitos diretos com os Estados Unidos. Gonçalves (2018)





aponta que essa prudência faz parte da lógica de transição: as economias se movimentam em direção à autonomia monetária, mas sem romper totalmente com a estrutura dominante.

Ainda assim, a desdolarização possui potencial para promover maior equilíbrio entre diferentes regiões do mundo. Países com moedas historicamente fragilizadas podem, no longo prazo, conquistar mais autonomia ao desenvolver instrumentos financeiros próprios e fortalecer mercados locais. Isso permitiria reduzir custos de transação, minimizar impactos de crises externas e ampliar o protagonismo de economias emergentes nas decisões multilaterais. Costa e Corrêa (2025) destacam que, para o BRICS, o objetivo central não é eliminar o dólar do sistema global, mas criar condições para que seus membros possam negociar em pé de igualdade.

O futuro da ordem monetária internacional, portanto, deve ser visto como resultado de múltiplos fatores que se entrelaçam. Embora o dólar continue forte e amplamente utilizado, o avanço da desdolarização indica que o sistema está passando por ajustes estruturais. Essas mudanças, mesmo que lentas, apontam para uma maior diversificação das moedas no comércio global e para o surgimento de arranjos monetários alternativos capazes de redistribuir parcialmente o poder financeiro. Fiori (2020) ressalta que o processo é inevitavelmente gradual, pois envolve disputas entre modelos econômicos e visões de mundo distintas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise sobre a desdolarização demonstra que o cenário internacional passa por um momento de transição marcado por ajustes graduais e disputas estratégicas entre diferentes polos de poder econômico. Embora o dólar continue sendo a principal moeda utilizada no comércio exterior e nas reservas internacionais, observa-se um movimento crescente de países que buscam alternativas capazes de reduzir vulnerabilidades históricas e ampliar sua autonomia. Esse processo, apesar de não representar uma ruptura imediata, revela uma





reorganização silenciosa que ganha força à medida que novas alianças econômicas se formam e mecanismos financeiros alternativos são desenvolvidos.

O estudo evidencia que o avanço da desdolarização está profundamente ligado à ascensão de economias emergentes e ao fortalecimento do BRICS como espaço de cooperação política e monetária. As iniciativas adotadas por seus membros, que incluem acordos para uso de moedas locais, expansão do Novo Banco de Desenvolvimento e criação de sistemas de pagamento independentes, indicam que há um esforço coordenado para construir caminhos que diminuam a dependência da moeda norte-americana. No entanto, essa trajetória ainda enfrenta limitações significativas, que passam pela necessidade de mercados financeiros mais robustos, maior estabilidade institucional e ampliação da confiança internacional nas moedas alternativas.

Apesar dos desafios, os resultados permitem concluir que a desdolarização já não pode ser vista como mera especulação teórica. Trata-se de um movimento real, ainda que gradual, que tende a ganhar relevância nas próximas décadas. A reorganização da ordem monetária internacional não se dará de forma rápida, mas deve evoluir para uma configuração mais diversificada, na qual diferentes moedas desempenham papéis complementares. Nesse contexto, compreender as dinâmicas em curso é essencial para que países como o Brasil possam adaptar suas estratégias de comércio exterior, fortalecer suas instituições financeiras e ocupar posição mais assertiva em um sistema global que se mostra cada vez mais multipolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, P. S. *BRICS e a reformulação da ordem econômica internacional*. *Cadernos de Política Exterior*, v. 8, n. 16, p. 13-29, 2022. Disponível em: https://funag.gov.br/loja/index.php?route=product/product&product_id=998. Acesso em: 10 dez. 2025.





BRICS e Mercosul. *Desdolarização da economia mundial: tendência em andamento*. 2025. Disponível em: <https://bricsmercosul.com.br/desdolarizacao-da-economia-mundial-tendencia-em-andamento/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

CARNEIRO, R. *A crise da hegemonia norte-americana e os limites do dólar*. Revista Tempo do Mundo, v. 26, p. 101-122, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal>. Acesso em: 9 dez. 2025.

CINTRA, M. A. M.; BATISTA JÚNIOR, P. N. *A ascensão da China e a reorganização da ordem monetária internacional*. Estudos Avançados, v. 34, n. 99, p. 5-27, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/174167>. Acesso em: 2 dez. 2025.

CORDERO, M. E. A. *A supremacia do dólar e o movimento de desdolarização dos BRICS: impactos globais e alternativas para um sistema financeiro multipolar*. Conexões Internacionais, v. 6, n. 1, 2025. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/ci/article/view/16051>. Acesso em: 1 dez. 2025.

COSTA, L. P.; CORRÊA, S. R. S. *Os BRICS na rota da desdolarização: desafios e oportunidades na criação de moeda comum*. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE, v. 11, n. 9, 2025.

EL ZEIN, S. A. *Understanding De-dollarization Among BRICS Nations*. Revista de Administração Contemporânea, v. 29, n. 2, e240197, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/pQPSp8k3hzgFfhT8hnyrZTq/>. Acesso em: 1 dez. 2025.

FIORI, J. L. *Sobre a disputa hegemônica e a reorganização monetária internacional*. Cadernos do Desenvolvimento, v. 15, n. 27, p. 13-31, 2020. Disponível em: <http://www.cadernosdodesenvolvimento.org.br>. Acesso em: 7 dez. 2025.

FONSECA, M. *A disputa pela arquitetura financeira internacional pós-pandemia*. Revista Carta Internacional, v. 16, p. 144-165, 2021. Disponível em: <https://www.cartainternacional.abri.org.br>. Acesso em: 8 dez. 2025.

GONÇALVES, R. *Poder global e desdolarização: um debate em curso*. Revista de Economia Contemporânea, v. 22, n. 3, p. 1-18, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rec>. Acesso em: 8 dez. 2025.





J.P. MORGAN. *De-dollarization: The end of dollar dominance?* Global Research Report, 1 jul. 2025. Disponível em: <https://www.jpmorgan.com/insights/global-research/currencies/de-dollarization>. Acesso em: 7 dez. 2025.

MACHADO, J. B. *Dólar, poder e hegemonia: caminhos de transformação*. Contexto Internacional, v. 42, n. 2, p. 235-260, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cint>. Acesso em: 9 dez. 2025.

MORAES, R. *BRICS: coordenação monetária e disputas na ordem global*. Boletim de Economia e Política Internacional (IPEA), n. 29, p. 9-22, 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 7 dez. 2025.

NOGUEIRA BATISTA JR., P. *BRICS e a desdolarização: desafios e oportunidades*. 2024. Disponível em: <https://www.nogueirabatista.com.br/wp-content/uploads/2024/05/WHZH-5-PT.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2025.

PAULA, L. F.; MARTINS, R. *A desdolarização da economia mundial: limites e perspectivas*. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política, n. 61, p. 45-67, 2022. Disponível em: <https://www.sep.org.br/revista>. Acesso em: 10 dez. 2025.

PRATES, D.; FRITZ, B. *O papel das moedas internacionais e a busca por alternativas ao dólar*. Brazilian Journal of Political Economy, v. 38, n. 1, p. 119-138, 2019. Disponível em: <https://www.rep.org.br>. Acesso em: 4 dez. 2025.

QUINTANA, F. J. *Dollar dominance, de-dollarization, and international law*. Journal of International Economic Law, v. 28, n. 3, p. 359–380, 2025.

SAAIDA, M. *BRICS Plus: de-dollarization and global power shifts in new alliances*. BRICS Economics Journal, 2024.

SALIYA, C. A. *Strategic Implications for India and the BRICS Alliance: de-dollarization dynamics*. SSRN Working Paper, 2024.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



SANTIAGO, A. R. *The evolution of financial architecture supporting the BRICS*. *Frontiers in Political Science*, 2025. Disponível em: <https://www.frontiersin.org>. Acesso em: 10 dez. 2025.

SOUZA, J. R. G. *Desdolarização sob a ótica do BRICS: um debate sobre a hegemonia do dólar no sistema monetário internacional*. 2024. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal de Uberlândia.

TRANSFORMA ECONOMIA. *As iniciativas dos BRICS para a transformação do sistema monetário e financeiro internacional*. 24 jun. 2025. Disponível em: <https://transformaeconomia.org/as-iniciativas-dos-brics-para-a-transformacao-do-sistema-monetario-e-financeiro-internacional/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

ZONGHENG, W. *The BRICS and De-Dollarisation: opportunities and challenges*. *A Journal of Contemporary Chinese Thought*, v. 2, n. 1, 2024.

Recebido em: 14/12/2025

Aprovado em: 29/12/2025

Publicado em: 19/01/2026

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4.n.1. jan/fev/mar. 2026 - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)



20/20